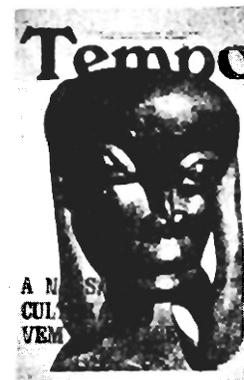


A nossa cultura vem de longe com a história



- Assumamos a nossa moçambicanidade
- As nossas raízes estão em África

No encerramento da Conferência Constitutiva da Associação dos Escritores Moçambicanos, Marcelino dos Santos, Secretário do CC para a Política Económica do Partido Frelimo, fez um improviso no qual focou essencialmente o problema da inserção do escritor na sociedade moçambicana e os caminhos de o conseguir.

Ultrapassando mesmo o âmbito restrito da literatura, Marcelino dos Santos abordou o problema da Cultura Moçambicana, suas raízes mais profundas. É o texto dessa intervenção que a seguir publicamos.

Inserimos igualmente as intervenções de Sérgio Vieira e de Fernando Ganhão, feitas no decorrer da sessão plenária e que versam questões da nossa literatura e algumas propostas de trabalho a desenvolver pela AEMO.

É orgulho para nós — para nós como escritores, para nós como cidadãos moçambicanos, para nós cidadãos duma pátria socialista, terra de operários e camponeses — a realidade da formação da Associação dos Escritores Moçambicanos.

Este acto é uma declaração do engajamento dos escritores moçambicanos na Revolução Moçambicana, no socialismo e no combate pela sua consolidação, na luta do nosso Povo contra a ignorância, a nudez e a fome, contra o subdesenvolvimento, na luta do Povo para fazer desta década a década da vitória



«É orgulho para nós constatar que nesta terra moçambicana os escritores se engajam totalmente e com determinação na construção do socialismo, na construção de uma pátria próspera e forte, e que o fazem inteira e profundamente ligados ao Povo moçambicano» — Marcelino dos Santos

sobre o subdesenvolvimento, na luta do nosso Povo pela paz e progresso — paz na terra moçambicana e paz no mundo, progresso na terra moçambicana, progresso para os povos do mundo inteiro. Isto é o que significa a formação da Associação dos Escritores Moçambicanos, entanto que declaração de engajamento.

Mas a formação da Associação dos Escritores Moçambicanos é também uma afirmação da consciência que nós temos da exigência de estarmos organizados. Concretamente, nós como escritores, nós como cidadãos, sabemos como o Povo moçambicano inteiro, do Rovuma ao Maputo sabe que para triunfamos, para nós realizarmos as nossas tarefas, necessitamos de estar organizados. Isso significa compreender a realidade de hoje, significa compreender o papel e o lugar que nós temos aqui na terra moçambicana, entanto que escritores e cidadãos que somos. É orgulho para nós constatar que nesta terra moçambicana os escritores se engajam totalmente e com determinação na construção do socialismo, na construção de uma pátria próspera e forte, e que o fazem inteira e profundamente ligados ao Povo moçambicano.

Nós temos agora o instrumento, temos as condições que nos permitem avançar, e avançar com segurança.

ESCREVER

É CRIAR E RECRIAR A VIDA

Durante os nossos trabalhos definimos o que devem ser as nossas tarefas. Definimos um programa. Mas penso dever aqui sublinhar essas tarefas e a sua importância. Sobretudo tentar resumir o trabalho que temos que fazer para, na prática, estarmos integralmente identificados com a acção geral do Povo moçambicano.

Falámos das dificuldades que vivemos, que temos vivido e sentimos. E dissemos aqui que é de assumir completamente, plenamente, as nossas responsabilidades como escritores. Dissemos aqui que é preciso escrever, que é preciso falar das coisas da vida. E a vida, hoje, é construir, camaradas!

Nós temos que construir e defender as conquistas já realizadas.

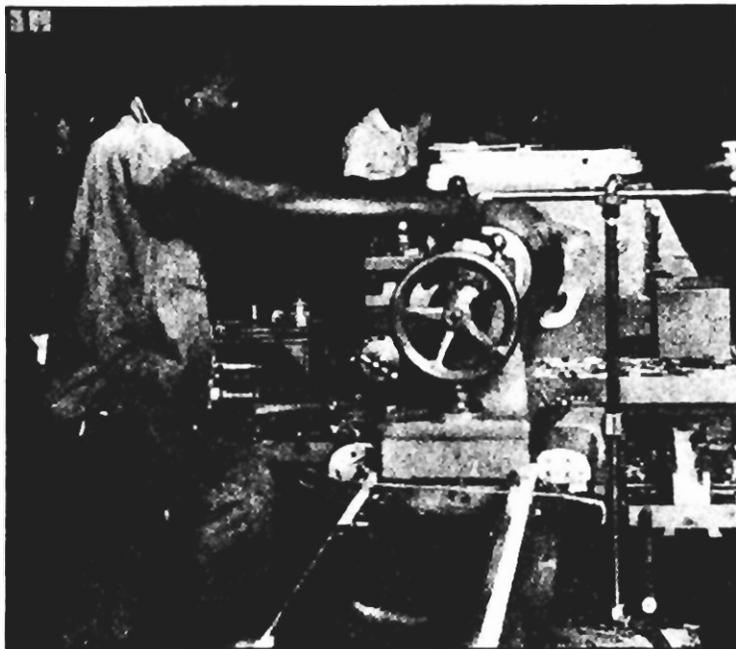
Temos que construir e inserirmo-nos cada vez mais no nosso passado.

Cantar as nossas glórias, mas glórias que se lançam para o futuro.

Precisamos de cantar a vida que temos hoje, as nossas dificuldades, os nossos sucessos.

Precisamos de cantar, de recriar, as diversas tarefas em que o povo está engajado: na construção, neste trabalho comum para construir a terra moçambicana.

Que nós estejamos numa machamba, que nós estejamos numa fábrica, que nós estejamos numa escola, que nós estejamos em casa, o amor, a morte, a vida — nós precisamos de falar de tudo isto no tempo presente. Precisa-



«Que nós estejamos numa machamba, que nós estejamos numa fábrica, que nós estejamos numa escola, que nós estejamos em casa, o amor, a morte, a vida — nós precisamos de falar de tudo isto no tempo presente» — Marcelino dos Santos

mos de pegar na nossa pluma e precisamos de recriar. Pegá-la e inserirmo-nos na vida e recriá-la para perspectivá-lo. Para fazermos, então, o trabalho de penetrar no futuro. Levamos o nosso povo a melhor compreender a estrada que todos nós temos que caminhar.

Ser escritor, companheiros, é, em primeiro lugar, escrever. É preciso produzir. Sabemos e declaramos aqui que há camaradas nossos que estão prontos a entregar aquilo que guardaram durante o tempo. Eu também vou fazer isso, camaradas, mas não serei o único.

AS NOSSAS RAÍZES VÊM DE LONGE

É tempo, camaradas, de nós, através da nossa arte, da nossa literatura, avançarmos com maior determinação no trabalho de cantar a construção, e contribuir para essa construção. E hoje, na nossa terra, — terra de operários e camponeses — é preciso cantar o trabalho, o esforço que o Povo faz.

Aqui falámos das nossas tarefas. Temos o nosso programa. Mas talvez haja uma outra tarefa que seja urgente: nós devemos armarmos para realizar as nossas tarefas. E este é um trabalho muito importante, que exige uma profunda consciência daquilo que nós somos. Uma profunda consciência da história da nossa literatura. Nós dissemos aqui: temos que aprofundar este aspecto, esta questão do nosso próprio conhecimento. Pusemos aqui problemas de fundo sobre a cultura, sobre a literatura em particular, e sobre as consequências do colonialismo no nosso país.

Nós fomos «cortados» no processo do desenvolvimento da nossa cultura e da nossa

AEMO: Génio ou bandido

• **Sérgio Vieira**

Um pouco arriscadamente, vim aqui para dizer a emoção de estarmos neste começo da Associação. Para alguns de nós é uma certa concretização de algo que há muito sentíamos: este buscar de um trabalho colectivo, de um trabalho em conjunto.

Para alguns de nós, na década de 50, o boletim «MENSAGEM», da Casa dos Estudantes do Império, o trabalho na Casa dos Estudantes do Império, foi simultaneamente uma actividade política nas condições que impunha o colonialismo e o fascismo, mas também uma actividade de busca da personalidade dos nossos povos de maneira literária. Aí publicámos, aí começámos possivelmente uma nova etapa do trabalho criativo na literatura.

Pois, penso que hoje a Associação terá um certo domínio de investigação histórica a fazer aí, de procurar o significado desse momento, dessa contribuição, também na literatura moçambicana.

Um segundo momento foi a criação do

ALVOR II, que se radicava naquilo que tinha sido o ALVOR propriamente dito (que não era ALVOR I, mas era só ALVOR, que tinha sido criado pelo NESAM — Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique).

Um terceiro momento, que foi mencionado, foi a Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos que deu origem à primeira Antologia, já feita por nós moçambicanos e no momento novo da nossa História, quando a FRELIMO existia; quando já tínhamos, ainda que começando a luta, a certeza de triunfar. Gostei da expressão (e creio que é bastante válida) de falarmos de uma **Literatura de Vitória**, pois que nesse começo já tínhamos a certeza da vitória. E começar-se uma luta armada é ter-se a certeza de a triunfar.

Creio que todos esses momentos, o trabalho realizado por certos órgãos de informação da Frente de Libertação de Moçambique, nomeadamente das FPLM (lembro-me aqui do «25 DE SETEMBRO», do «RASGANDO AS TREVAS» e também dos jornais que se faziam nas zonas libertadas — «OS HERÓICOS», em Cabo Delgado, o

«Companheiros: é preciso sentirmos as nossas raízes profundamente na nossa terra. Sentir que as temos. Sentir que realmente vimos de longe. Não nascemos com a ocupação colonial»



literatura. «Nós fomos cortados» significa que houve um momento que não se verificou em toda a sua plenitude e usando o dinamismo interno, que não se processou normalmente a evolução da nossa literatura. Fomos cortados! E quando avançamos para a literatura escrita, quais eram as nossas raízes?

Temos uma literatura oral de que muitos de nós têm um conhecimento muito fraco. No

nosso processo de crescimento, no desenvolver da História do Povo moçambicano, fomos — como dissemos durante a luta — matando a tribo para formar a Nação. A tribo ainda não morreu completamente e é preciso continuar o processo. A Nação Moçambicana é já a força fundamental, mas o processo de consolidação da Nação ainda deve continuar, camaradas!



«Hoje nasce a nossa Associação. Como uma criança o é no momento do nascimento, em potência nela se encontra o génio e o bandido» — Sérgio Vieira

«3 DE FEVEREIRO» em Tete, e havia também um em Niassa, cujo título agora não me lembro).

Pois, muito material se publicou. Evidentemente que de valor desigual, mas numa certa medida foi também o irromper na literatura daqueles que nunca tiveram acesso à literatura. Talvez alguma qualidade se sacrificou, mas ganhou-se no alargar da participação, no alargar da criação.

Hoje nasce a nossa Associação. Como uma criança o é no momento do nascimento, em potência nela se encontra o génio e o bandido. Pois nós temos uma vontade de

fazer desta Associação uma grande, forte, nobre, expressão daquilo que é aspiração de toda a cultura, de todo o Povo: uma afirmação da grandeza do nosso Povo, da maravilha que é a criação do Povo.

Por isso quero registar — embora todos nós tenhamos limitações de trabalho, — quero registar e numa certa medida afirmar a minha disponibilidade para que sobretudo nessas brigadas que vão a uma fábrica, que vão a uma escola, também poder participar, também poder transmitir o gosto de ler e de escrever, às novas gerações. E é tudo. — Obrigado

Fomos cortados no processo natural de desenvolvimento da nossa literatura. Mas nós não perecemos! Encontrámos caminhos para vir à literatura, para avançar na literatura. Temos a nossa realidade: hoje é ainda uma realidade a literatura oral. Mas é-o também uma literatura escrita.

Devemos ver os caminhos que seguimos. Nós temos a nossa cultura, camaradas. A nossa cultura, camaradas, vem de longe! As nossas raízes vêm de longe, vêm com a História, com o Povo. Muito antes da ocupação colonial. Muito antes! Estão lá as nossas raízes. A nossa cultura não começou com a ocupação colonial. E continuou depois da ocupação.

Mas o problema é este de crescimento.

SOMOS UM MOSAICO: CULTURA NÃO É MISTURA

Somos um mosaico aqui, companheiros. Nação Moçambicana mas... ainda com várias matizes. O processo de consolidação da Nação Moçambicana deve continuar. É preciso que ele continue. E vai continuar.

Devemos armar-nos fazendo este trabalho de busca de nós próprios, de que todos nós falámos aqui com toda a força. Nós não estamos a dizer coisa nova. Estamos a dizer é a importância de isso se fazer, para nós, realmente, avançarmos com a nossa literatura e, de um modo geral, com a nossa cultura. É preciso fazer isso. E por quê?

O problema da literatura, o problema da cultura, não é somente uma questão de escrever. É o de assumir completa e integralmente qual é, realmente, o papel e o lugar da literatura.

Nós queremos comunicar, nós queremos produzir. Os nossos poetas, os nossos artistas mesmo no tempo da literatura oral, comunicavam. Não era somente a canção, não era somente o conto — não era somente uma canção, não era somente um conto qualquer. Eles estavam insertos dentro da nossa cultura. E, então, a comunicação estava já ali, obviamente já implícita.

É preciso comunicar!

Somos analfabetos, é verdade. Mas para comunicar não há só o problema do analfabetismo. É dizer as coisas daquela maneira que nos aparece logo clara. Nós vibramos para falar de coisas que nós falamos muito simplesmente, que são perceptíveis.

Nós vibramos facilmente quando temos Xigubo, Marrabenta, Chingomane ... O nosso Povo vibra. Mas, se nós tocarmos uma valsa? ... O problema não é a música. O problema é que música, qual é o toque nosso, aquilo que é específico para nós. Nós sabemos: se pegarmos em chima, matapa, mesmo o pulau — mesmo se há outros lugares que fazem pulau — o nosso é o nosso. É a maneira moçambicana de fazer pulau.

Nós temos que conhecer qual é a maneira moçambicana de fazer literatura. Não negamos o que fizemos até hoje. Foram os caminhos que a História nos obrigou a caminhar. Mas tenhamos consciência disso.

Companheiros: é preciso sentirmos as nossas raízes profundamente na nossa terra. Sen-

tir que as temos. Sentir que, realmente, vimos de longe. Não nascemos com a ocupação colonial.

Nós dissemos há pouco, camaradas, que este problema de cultura é uma exigência. A sua compreensão, hoje, é uma necessidade. E dissemos que não é somente ao nível da literatura. Não é. Somos um mosaico, mas somos todos moçambicanos. Quem faz a cultura é o Povo trabalhador. É na produção, essencialmente, que nasce cultura. Temos que ter consciência destas realidades, para todos, cada um de nós, armar-se e dizer: sim, é preciso que eu conheça a minha cultura.

A cultura não se produz, não se desenvolve com misturas. O desenvolvimento faz-se por sínteses sucessivas. Ma faz-se essencialmente neste engajamento no trabalho transformador. Fazedor da cultura nesta terra moçambicana é o Povo trabalhador, os operários e os camponeses. Somos um mosaico, mas a nossa cultura é esta que nasceu nesta terra. Esta é a realidade que todos nós devemos assumir hoje.

Os mais alfabetizados numa sociedade de analfabetos

• Fernando Ganhão

Nós que somos os mais alfabetizados de um país de analfabetos, temos responsabilidades que penso deverão constituir também uma das preocupações desta nossa Associação.

(...) Todos nós, pela nossa educação — nós, esses alfabetizados ou esses mais alfabetizados pela nossa educação, fomos habituados a ver em determinadas formas de escritores, particularmente os poetas, uma concepção romântica. Herdamos uma concepção romântica da maneira de ser; quer dizer, aquela razão de situar-se comportamentalmente, do situar-se o poeta na sociedade.

Nós verificamos que os poetas, habitualmente, são pessoas que estão em contradição com a sociedade que os rodeia.



«Nós que somos os mais alfabetizados de um país de analfabetos, temos responsabilidades que penso deverão constituir também uma preocupação desta nossa Associação»
— Fernando Ganhão

E temos já instrumentos para podermos avançar nesta direcção, que é a nossa Associação de Escritores. Vamos, organizados e conscientes. Discutamos os nossos problemas, assumamos completamente as nossas responsabilidades.

NEM SÓ DE BATATA-DOCE VIVE O HOMEM

Nós dissemos: Companheiros, muitas das nossas dificuldades económicas repousam também nesta dificuldade. Porque falta isto, falta aquilo. Muitos destes problemas são porque há muitos de nós, que têm de tratar destes problemas, não conhecem profundamente aquilo que são as preocupações do Povo.

Nos últimos tempos temos conversado com muitos companheiros a propósito de dificuldades que vivemos. E falámos de missanga. Constatámos que não há missanga. Alguns não sabiam, tão pouco, que missanga é uma coisa que o povo quer. Não sabiam tão pouco!

É verdade que ninguém come missanga. O



«Quem faz a cultura é o Povo trabalhador. É na produção essencialmente que nasce a cultura»

nosso povo não diria «nem só de pão vive o Homem», mas diria: «Companheiros, a gente não vive só de batata-doce». E o resultado é o problema que nós tivemos: «Se não posso

Têm, por vezes, comportamentos que ultrapassam aqueles valores que uma sociedade ou defende ou pretende constituir. Este é um problema que penso deveria ser objecto duma discussão entre nós. Não que eu pretenda escritores ou poetas encarnierados, alinhados, quer dizer marcando o passo ao som de qualquer tambor que não seja o tambor do Craveirinha, (1) mas porque sinto que nestes sete anos de Independência, a História do nosso País foi tão rica de acontecimentos, de coisas tão notáveis, e nós refugiamos-nos um pouco no passado.

Quer dizer, houve uma certa incapacidade, talvez, dos poetas em ver o mundo, em analisar o mundo em transformação. Talvez isso seja essa primeira contradição entre aquela concepção do escritor e a educação que nós recebemos. Mas eu sinto que não há uma vontade de cantar, em termos muito comezinhos, aquilo que são as conquistas da Revolução, as grandes conquistas do Povo moçambicano.

Essa minha preocupação extravaza um pouco de criação literária e vai um pouco para outras áreas de criação artística (nas artes plásticas), em que também a solução de facilidade por um lado e, por outro lado, diria, uma incapacidade dos próprios artistas — no sentido amplo da palavra — em serem os cronistas literários daquilo que é a Revolução Cultural no nosso País. Sentimo-los arredados.

Por outro lado, há um mínimo de falta de coragem notória. Há também aquilo que é a coisa mais terrível que pode acontecer a um escritor, que é querer estar bem, necessariamente, através de um processo de autocensura — que não funciona em termos literários. A criação literária é fruto duma análise da realidade. O escritor vê essa realidade e relata-a. Não trata de tentar agradar a A,B,C, ou D.

Essas são as três causas que eu sinto deverão constituir objecto de estudo na nossa Associação. Não podemos dizer: estamos constituídos, somos pessoas respeitáveis ou menos respeitáveis; uns são assim porque são assim, outros são mais respeitáveis por obrigação ou não, mas devemos situar-nos com aquilo que são os nossos comportamentos, que são específicos da nossa ideoncracia, da nossa maneira de ser, da nossa maneira de nos relacionar. É necessário que esse debate seja feito. Este é o apelo que eu queria fazer.

Eu comecei por dizer que éramos os mais alfabetizados num país de analfabetos, porque sinto que há um problema que permanece em todos nós e para o qual a discussão é difícil e as soluções são difíceis. Mas que

gastar os meus meticais para comprar missanga, para que é que vou produzir?» E então? E os alimentos de que precisamos? E aquilo que nós queremos exportar, quem vai produzir?

Não é só ao nível da literatura que este problema se põe. Mas é este problema profundo de todos nós assumirmos integralmente a nossa moçambicanidade, camaradas; de nós aprofundarmos o conhecimento de nós próprios; de nós, realmente, sentirmos que as nossas raízes são profundas, vêm de longe, longe, com a História, com o Povo.

Somos um mosaico. Cultura não se produz com mistura, não. São sínteses sucessivas que se realizam neste combate pela transformação, que se realiza no processo da luta de classes. Mas neste processo de trabalho, de transformação. Quem faz cultura é o Povo. Isto temos que compreender profundamente e, então, dizermos que aqui, nesta terra moçambicana, as nossas raízes, realmente, estão na História de África, estão nesta marcha que o Povo moçambicano realizou ao longo de séculos.

Todos nós — pretos, brancos, mulatos, indianos — todos nós assumamos a nossa moçambicanidade. E não há duas moçambicanidades! Assumamos a nossa cultura. E não há duas culturas para o Povo moçambicano! E como escritores, saibamos reconhecer as montanhas de dificuldades que nós temos. Quem disse que a dificuldade é que pararia a nossa marcha? E quantas vezes nós subimos montanhas e descemos montanhas? Qual é a dificuldade?

Armemo-nos, camaradas, para fazermos crescer esta Revolução. Para fazermos avançar o Socialismo na Pátria Moçambicana. Para realmente sermos Povo Moçambicano. Inteiros, camaradas!

Creio que a Associação dos Escritores Moçambicanos nos cria as condições necessárias para esta marcha, sem a qual nós não cresceremos, nós não assumiremos as responsabilidades que são as nossas e sem as quais nós não materializaremos aquilo que decidimos, e não realizaremos as tarefas que no decurso dos nossos trabalhos nos propusemos realizar.

sinto ser também obrigação desta Associação abordar com coragem, com clareza. É o problema da própria língua:

Estamos a falar de Associação de Escritores num país em que a Língua Portuguesa é pouco falada, num país que tem uma riqueza linguística desconhecida para a maior parte de nós, num país em que essa riqueza linguística é o suporte mesmo da identidade cultural de uma determinada comunidade social, mas está ainda por investigar e por analisar. Sinto que este é outro problema que talvez deva constar no próprio texto do programa da nossa Associação. Não podemos passar por ele como se não existisse. É certo que talvez não compete à Associação traçar as grandes definições sobre a política linguística do país, mas nós (talvez seja um pouco abusivo este plural), a maior parte de nós serve-se da língua para dar a sua contribuição social ao processo revolucionário. Temos, portanto, através da prática, da maleabilidade com que conseguimos dominá-la, uma contribuição a dar.

Gostaria de partilhar aquilo que sinto ser a alegria de todos nós, que, de uma maneira organizada, estrutural, temos uma Associação que deverá desempenhar um papel importante e fundamental. E penso que essa é a nossa obrigação histórica como os mais alfabetizados. O apelo que eu lançaria aos (escritores, aos poetas, aos dramaturgos, aos críticos literários aqui presentes) é de que nós tivéssemos que ter, por

necessidade própria como indivíduos conscientes do nosso papel nesta sociedade, uma participação consciente no processo de alfabetização. Não indo cada um de nós fazer a alfabetização propriamente dita, mas contribuindo através de textos claros, límpidos, que tivessem, além de um papel de exercício de prática de leitura, também uma educação do gosto. Que este fosse também, além das inquietações que cada um tenha necessidade de exprimir, uma das necessidades a que nós nos sentíssemos obrigados a fazer e a escrever: Textos simples, claros, que pudéssemos entregar às estruturas competentes para que pudessem serem utilizados no processo de Alfabetização e Educação de Adultos.

E pensar também que 50% da população moçambicana tem menos de 18 anos e que é essa a massa que nós devemos conquistar. Queria associar-me ao apelo já aqui feito para que também uma parte da nossa produção seja dirigida a esse grande grupo de jovens. Quando se fala de Literatura Infantil não se trata de literatura primária, mas de técnicas mais difíceis de dominar, de forma que não caia naquilo que vulgarmente se chama o infantilismo, mas uma literatura que traga uma mensagem de beleza, uma mensagem social e um contributo para a formação da personalidade dessa juventude.

(1) Alusão ao poema «Quero ser Tambor» de José Cravirinha.